

**Diversidade e diferença no aprender ensinar:  
ou sobre fragmentos de infância, bons encontros e cuidado de si**

Diversity and difference in the learning teaching process:  
or about childhood fragments, good meetings and selfcare

Diversidad y diferencia em el aprender enseñar:  
o acerca de fragmentos de la infancia, buenos encuentros y  
cuidado de si mismo

*Marco Antônio Oliva Gomes*  
Universidade Vila Velha

**Resumo**

O presente artigo problematiza os movimentos produzidos em uma pesquisa de mestrado realizada em uma unidade de educação infantil do Município de Vitória, ES, na qual fomos movidos por diferentes encontros com as crianças que frequentavam as turmas de seis anos. Em um desses encontros durante uma aula de artes vivenciamos, a partir da convocação de uma criança que foi ridicularizada por não saber amarrar o sapato, a necessidade de experimentar modos de docências onde o cuidado de si fosse um dos encaminhamentos dos trabalhos educativos. Assim, em meio aos movimentos mais visíveis de garantia de acesso aos conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, corre no sub-solo a necessidade de constituir um trabalho educativo que possa voltar

sua atenção para uma ética e uma estética da existência. Ou seja, a vida tomada por orientações de preservação da mesma. Desse modo, os saberes e fazeres vividos nos processos educativos foram pensados por meio de princípios como a solidariedade, a amizade e o cuidado de si (“si” pensado como coletivo que compõe o corpo educativo), determinantes para constituição de uma trabalho docente vinculado a artístagem, ou seja, a composição de uma atuação docente cujos parâmetros seria a preservação e expansão dos corpos vibráteis. Corpos intensivos que se relacionam por meio da tentativa de criação de canais que possam dar passagem para as intensidades emitidas pelos corpos. Desse modo utilizando-me do método cartográfico e de algumas ferramentas conceituais produzidas pelos filósofos Gilles Deleuze e Michel Foucault, concluo esse trabalho considerando a potência dos bons encontros e do cuidado de si para a ampliação dos possíveis do aprender e do ensinar.

**Palavras-chave:** Infância. Bom encontro. Cuidado de si e devir.

### Abstract

This article problematizes the movements emerged during a master’s program study carried out at a children’s school in the city of Vitória, ES, in which we were led through different meetings with children attending 6-year-old classes. In one of these meetings, during an Art class, we witnessed a child be ridiculed for not knowing how to tie his shoe. This led us to the need of experimenting teaching approaches in which taking care of oneself was one of the aims of the educational works. Thus, beneath visible movements towards ensuring access to contents of different areas of knowledge, there was a need of building an educational work aiming at the ethics and aesthetics of existence. In other words, life permeated with guidelines to preserve itself. Therefore, the knowledge-and-action experienced in the educational processes have been thought by means of principles such as sympathy, friendship, and self-caretaking (“self” seen as a collective concept composing the educational body) – determiners for constituting a teaching work bound to “acting”, i.e. teaching acting whose parameters would be preserving and expanding vibratile bodies. Intensive bodies that relate to one another by trying to create channels to allow the flow of intensities they emit. Thus, using the cartographic method and some conceptual tools created by philosophers Gilles Deleuze and Michel Foucault, I conclude this study considering the potentiality of good meetings and self-caretaking so as to broaden the possible limits of teaching and learning.

**Keywords:** Childhood. Good meeting. Self-caretaking and becomingness.

## **Resumen**

Este artículo problematiza los movimientos producidos en una investigación de maestría llevada a cabo en una unidad de educación infantil en la ciudad de Vitória, ES, en la que participamos de distintos encuentros con los niños que asistían a las clases para seis años de edad. En uno de esos encuentros, durante una clase de artes, vivenciamos, desde el llamado de un niño que fue ridiculizado por no saber atarse los cordones de los zapatos, la necesidad de intentarse modos de docencias donde el autocuidado fuera uno de los encaminamientos de la labor educativa. Así, en medio a los movimientos más visibles para garantizar el acceso a contenidos de diferentes áreas de conocimiento, se precibe por debajo, la necesidad de establecer un trabajo educativo que pueda volver su atención para una ética y una estética de la existencia. Es decir, la vida orientada, teniéndose en cuenta su propia preservación. De ese modo, los saberes y haceres vividos en los procesos educativos, han sido pensados a través de los principios como la solidaridad, la amistad y el autocuidado (“usted” pensado como un colectivo que conforma el cuerpo educativo), determinantes en la constitución de una labor docente vinculada a la “*artistagem*” (actuación), es decir, la composición de una práctica docente cuyos parámetros serían la preservación y expansión de los cuerpos vibrátiles. Cuerpos intensivos que se relacionan por medio del intento de crearse canales que puedan dar pasaje a las intensidades emitidas por los cuerpos. De esta manera me utilizando del método cartográfico y algunas herramientas conceptuales producidos por los filósofos Gilles Deleuze y Michel Foucault, concluyo este trabajo teniendo en cuenta el poder de los buenos encuentros y del autocuidado para la ampliación de los posibles del aprender y del enseñar.

**Palavras-chave:** Infancia. Buen encuentro. Autocuidado y devenir.

## **Introdução**

O presente artigo problematiza os movimentos produzidos em uma pesquisa de mestrado realizada em uma unidade de educação infantil do Município de Vitória, ES, na qual fomos movidos por diferentes encontros com as crianças que frequentavam as turmas de seis anos, buscando viver experiências, buscando provocar movimentos de ampliação das redes de saberes, fazeres e poderes (ALVES, 2005) com as relações tecidas com os sujeitos da pesquisa, apostando na produção de outros sentidos para suas vidas.

Najmanovich (2001) afirma que para conhecermos o mundo precisamos nos incluir nele, ou seja, precisamos nos dar conta de que estamos incluídos em nossos processos de conhecimento. Como pessoas encarnadas, somos *sujeitosobjetos*<sup>1</sup> de nossos conhecimentos.

O sujeito encarnado participa de uma dinâmica criativa de si mesmo e do mundo com que ele está em permanente intercâmbio [...] O sujeito encarnado não pode estar em todos os lados ao mesmo tempo e, portanto, só pode conhecer em um contexto especificado, e seu conhecimento se estrutura em uma linguagem determinada [...] Não podemos conhecer os objetos independentes – sem relação alguma – de nós. (NAJMANOVICH, 2001, p.22-23).

Entendendo então, como pesquisadores, que não podemos nos colocar fora de nossos próprios temas de pesquisa buscamos, nesse texto, assumir nossa condição de *sujeitosobjetos* ou, como nos fala Ferraço (2003) de *caçacaçador*. Para o autor,

Em nossos estudos ‘com’ os cotidianos, há sempre uma busca por nós mesmos. Apesar de pretendermos, nesses estudos, explicar os ‘outros’, no fundo também estamos nos explicando. Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros, mas nós somos também esses outros e outros ‘outros’. (FERRAÇO, 2003, p. 160).

Em nossa condição de ser sendo *sujeitosobjetos*, nos aventuramos na escrita de um texto aos fragmentos, ensaios de vivências vividas, vivências poéticas sentidas, sem um planejamento pré-estabelecido, mas sentido. Fomos, aos poucos, nos deixando levar pelo próprio movimento do ato de escrever, na medida em que ia acontecendo, buscando traduzir com *palavrasimagens*, os campos de forças que nos atravessaram em meio ao processo de escritura, exercitando, assim, a possibilidade de uma escrita como ensaio<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Estética da escrita que aprendemos com Nilda Alves, na tentativa de, ao unirmos determinadas palavras, ampliar seus significados, inventando outros tantos, buscando romper com as marcas que carregamos da ciência moderna, sobretudo a maneira dicotomizada de analisar a realidade.

<sup>2</sup> Usei o ensaio como pretexto para problematizar a escrita acadêmica, ou melhor, para problematizar o modo como as políticas da verdade e as imagens do pensamento e do conhecimento, dominantes

Em um desses momentos de *escritaensaio* fomos tomados por uma palestra de Virgínia Kastrup (2007). Ao ouvir a autora falar de como as ideias de pesquisa acontecem, entendemos que, por mais que queiramos, ninguém tem uma ideia ou ideias buscando por elas. De fato, como pudemos entender, nós é que somos tomados pelas ideias. E, nesse sentido, quanto mais tentamos focar nosso tema, mais nos afastamos dele. Mais ele se torna algo desencarnado e impermeável aos campos de força vivos. Como disse a autora, grande parte do processo de criação acontece fora de foco, fora da obsessão de tentarmos identificar nosso objeto de pesquisa. Ou seja, o processo de criação não é um acontecimento que possa ser pré-concebido, mas um permanente processo de invenção que implica, ao mesmo tempo, movimento e produto.

Ao suspeitar do *pesquisador perito*, Kastrup (2007) nos instiga a *viver* a pesquisa em sua forma processual, nos deixando tomar pelos acontecimentos e campos de forças, o que exige de nós sustentar uma permanente atitude do não saber. A atitude do pesquisador de se sustentar em um lugar do não saber implica em não aprisionarmos nossos estudos em categorias prévias de análise, mas de nos deixarmos conduzir pelos atratores caóticos, pelos processos que, nos momentos da pesquisa, se mostram mais visíveis aos nossos *olharessentidos*, exercitando o que Kastrup (2007) chama de *atenção aberta*.

Com isso, estivemos interessados em seguir os fluxos, investigar processos, ao mesmo tempo em que nos situamos em meio a esses fluxos e processos, encontrando e nos deixando encontrar por situações e pessoas em seus movimentos cotidianos. Quando dizemos que estamos implicados em nossa pesquisa não estamos falando de nós, indivíduo singular, mas de campos de forças que nos tomam e nos movem para diferentes lugares.

Atravessados pelas palavras de Kastrup (2007) nos propusemos *pensarescrever* sobre alguns desses campos de forças, alguns dos processos

---

no mundo acadêmico, impõem determinados modos de escrita e excluem outros, entre eles o ensaio. (LARROSA, 2003, p.102).

que, no decorrer de nossa pesquisa nos moveram para diferentes lugares. Com isso, a *escritapensamentoensaio* desse texto busca expressar alguns desses campos de forças. Não se trata de uma retrospectiva da memória, mas, de uma tentativa de expressar a própria condição rizomática<sup>3</sup> do tempo *vividosenvido*.

O tempo tomado como intempestivo que nos enreda em campos de forças múltiplos, onde não há como diferenciar passado, presente e futuro. Como defende Kastrup (2007), em Bergson é possível encontrar uma noção de tempo distinta do tempo cronológico, e que se apresenta como coexistência de todos os tempos. Trata-se de uma concepção que Deleuze denomina paradoxal, posto que presente, passado e futuro se sucedem, não se perdem, mas subsistem como coexistência virtual. Assim, o texto que segue foi *escritovividopensado* em meio a esse tempo *rizomático*, quando então passado, presente e futuro se confundem na dimensão do ser sendo pesquisadores com os cotidianos da infância e da educação infantil.

### **Infância e cuidado de si: uma experiência na educação infantil**

Durante uma aula de artes do CMEI onde eu trabalhava, um menino da turma do pré, com seis anos, estava com o tênis desamarrado e, ao me pedir para amarrar, percebi que ele não sabia fazê-lo e que sentia vergonha disso. Sem dúvida, acabei direcionando a aula para uma atividade onde o foco seria o “laço”, o que não interferiria em nada no “planejamento” que havia sido feito para aquele dia que, inicialmente, seria “misturas de cores”. Nessa aula utilizaríamos somente tintas nas cores primárias, pinceis e esponjas para colorir algumas caixinhas e descobrir as misturas e nuances possíveis. A única mudança no planejamento a partir dessa necessidade de um aluno, foi simplesmente adicionar mais

<sup>3</sup> Para Deleuze e Guattari (1995, p. 37), “[...] um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança [...]. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói duas margens e adquire velocidade no meio”.

um elemento a atividade, fomos fazer laços coloridos para finalizar as caixinhas e cartões que estávamos pintando com as misturas de cores.

Meu encaminhamento em relação à aula de “misturas de cor” causou grande espanto na professora regente que ao saber do ocorrido exclamou: “*Credo, João, você quer me envergonhar na frente do professor Marco? Um menino de pré, com seis anos, ‘não sabe’ nem dar um laço no tênis? Meu filho de três anos já sabe. Se você não fizesse tanta bagunça e prestasse mais atenção já teria aprendido. Vamos embora que já acabou o horário da aula de artes*”. Nesse momento, um coleguinha disse: “*Pode deixar professora que eu ensino pra ele, vamos João*”. E, ainda, para meu espanto, ela disse que aquela não era hora de dar aquela atividade para um marmanjo de pré.

Quando falamos em afetividade, não estamos falando de contato físico, de afago, de abraços... Estamos falando de afecção, de sensível, de relações de cuidado com o Outro em sua condição de legítimo Outro. Estamos falando da necessidade de estarmos atentos às pistas que nos direcionam a uma vivência mais intensa da aprendizagem.

O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos. Reviravolta dos sentidos-significados e potencialmente de todos os sentidos com os quais sensoriamos corporalmente o mundo. Porque a aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo conhecimento tem uma inscrição corporal. Que ela venha acompanhada de sensação de prazer não é, de modo algum, um aspecto secundário. (ASSMANN, 1998, p. 29).

O que nos move na educação? Por que as crianças nos encantam? Pensamos que seria pelo fato de não poder reduzi-las às suas individualidades, mas ficarmos atentos às diferenças que elas agenciam todo o tempo. Como nos ensina Kohan (2010, p. 199-200),

Entre alguns filósofos de nosso tempo, renasce essa ‘hybris’ infantil, curiosamente naquelas filosofias que dão lugar ao

que se chamou de descentramento ou perda do sujeito. De maneira tal que a infância se afaste das crianças. G. Deleuze, por exemplo, propôs uma noção impessoal, a-subjetiva, que chamou, dentre outros nomes, de devir-criança e, também, de bloco de infância. O devir-criança, que Deleuze continuamente ilustra como funciona em figuras literárias, opera como um espaço de transformação, revolucionário. Não há idade para entrar nele, mas intensidades e fluxos a habitar em qualquer idade. (...) O devir-criança é também uma máquina de guerra contra o estado e as instituições do mundo adulto.

Assim pensando, vamos nos dando conta da necessidade do exercício do cuidado de si como potência de vida, como máquina de guerra contra os inúmeros mecanismos de controle e de opressão que ainda se fazem presentes com toda a intensidade em nossa sociedade. No texto “Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística”, Souza Filho (2007), ajuda-nos a entender o cuidado de si como uma arte, um trabalho si mesmo.

Que é esse trabalho do sujeito sobre si? Qual é sua finalidade? Como esse trabalho se relaciona com a liberdade? O cuidado de si não é cuidado de interesses (riqueza, privilégios, poder), é “exercício filosófico”, é cuidado ético-moral de si mesmo, orientado para uma estilização da vida, uma estética da existência, para artes da existência. Por que esse exercício é liberdade? Por que pode promover a liberdade do sujeito? É possível esse exercício na política? A política serve para outras coisas: estabelecer campos de força, disputas simbólicas, batalhas pela lei, mas não para fundar a liberdade. Assim, é que encontramos na política tantos homens e mulheres que não são livres. Escravos do poder, dos seus interesses, dos privilégios, não são virtuosos, não cuidam de si, e não surpreendem, pois, que não sejam livres e, pois, que não possam ser bons governantes. A liberdade do cuidado de si somente pode ser experimentada como tal, se é uma experiência ético-moral do sujeito em sua própria verdade, uma experiência sempre singular e intransferível. A liberdade em pensamento, a liberdade em movimentos independentes da alma, sem libertação final.

## **Sobre (vivências) que nos lançam ao retorno dos sujeitos**

Chá é uma bebida que me agrada muito. Como bom paulistano, gosto também de frio. Imagina um chazinho quente num dia frio e meio cinza de inverno: que delícia! A gente come feito um leão no frio, ainda mais quando há comida farta e boa à disposição. Foi nesse clima que *aconteceu*, para mim, o “II Seminário de Pesquisa em Educação Especial: trajetórias de pesquisa”, no Hotel Ecos da Floresta em Domingos Martins ES. Um lugar acolhe(dor) que me remeteu a outros lugares nos quais vivi grande parte de minha vida.

O chá de cidreira que era servido, tão quentinho e cheiroso, me impulsionava a fechar os olhos e lembrar a casa de minha mãe em Ribeirão Preto que, aliás, foi o tema de muitas conversas nos corredores: falamos de nossas infâncias, avós, mães e tantas outras coisas que um cheirinho de saudade nos traz à memória. Por tudo que aconteceu e pelas lembranças que me proporcionou, devo dizer que o Seminário foi intenso e potente não apenas pelo clima do lugar, mas também pelas palestras e pelas relações estabelecidas com muitos participantes.

Entretanto, apesar de todos esses sentimentos de saudades que nos levavam a pensar em como é bom ter uma casa, um lugar onde morar, pessoas com quem podemos contar para nos proteger, para nos dar atenção e cuidar de nós, havia, ao mesmo tempo presente para mim, a dura e cruel realidade vivida por crianças, jovens e adolescentes que, durante suas vidas, não tiveram a chance de viver nesse clima de proteção e afeto.

E, nesse momento, me questionava sobre a necessidade de realizar um movimento de volta ao sujeito encarnado, que pudesse pensar não mais na infância tomada em sua impessoalidade, mas nas muitas crianças que não tiveram a oportunidade de saber ou de *experenci*ar, junto aos seus familiares, o que é ter um lar, um porto seguro, uma vida de cuidado e de carinho. Crianças sozinhas no mundo, desamparadas, maltratadas, descuidadas, jogadas nas ruas e contanto, apenas, com a sua própria sorte.

Crianças que só podem contar com elas mesmas ou com outras crianças em igual condição de abandono e descaso diante da vida.

E, nesses momentos em que a dura realidade de abandono e de desamparo dessas crianças se misturava às minhas/nossas lembranças da infância de proteção e cuidado, das realidades que vivencio nos barracões das escolas de samba em que atuo, eu era invadido por um sentimento de impotência que me levava a questionar: o que nós estamos fazendo por essas crianças? O que nós estamos buscando aqui, nesse Seminário? Como conviver com esses sentimentos e essas situações de abandono, descaso e desamparo que se colocam de modo permanente nos textos e debates sobre exclusão? Como abrir mão ou mesmo colocar em análise algumas de nossas referências teóricas? Talvez, estivesse procurando nas mesas de debates e em minha pesquisa algum conforto pessoal que pudesse aliviar minha inquietação.

Com essas expectativas e sentimentos fui assistir à apresentação da pesquisa Sobre (vivências): um estudo fenomenológico-existencial acerca dos *modos de ser sendo* crianças e adolescentes em situação de rua”, da autoria de Jacyara Paiva, resultado de sua dissertação de mestrado, orientada pelo professor Hiran Pinel. O trabalho de Paiva (2006) me tocou profundamente, por várias razões. Em primeiro lugar pela sua condição de pesquisadora que estava inteiramente mergulhada em seu tema de estudo chegando, em alguns momentos, a se confundir com ele. Sua fala expressava a condição de quem viveu e vive, intensamente, assim como acontece comigo nos *espaçostempos* da educação infantil, a condição de vida de muitas crianças em situações de risco.

Sua atuação como educadora de crianças e jovens em situação de rua possibilitou uma pesquisa marcada pela verdade do descaso e do abandono desses sujeitos em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, suas lutas pela insistência em serem reconhecidos como seres humanos. Como afirmou a autora em sua apresentação: *no desamparo e abandono desse trajeto de casa para rua, as crianças e adolescentes passam a construir o significado de seu ‘ser sendo...’, e de seu existir insistido enquanto ser humano. O que é, e*

*como é o existir nas ruas, vivenciando-a; 'sendo' diante de um cenário de pobreza e exclusão social, construindo o significado de seu 'ser sendo', de seu existir insistido, sem direitos e sem escola.*

A insistência dessas crianças em serem reconhecidas e aceitas como seres humanos me fez refletir, como educador para quem essa necessidade de ser reconhecido como ser humano não se coloca como um problema, sobre a urgente e fundamental discussão, no campo dos estudos sobre a exclusão social, do que entendemos por “ser humano”. Nesse sentido, a autora ajudou-nos nessa tarefa ao considerar que: *essa exclusão social se caracteriza não só pela extrema privação material, mas principalmente, porque essa mesma privação material 'desqualifica' seu portador: ele não tem e pode ousar ser! A exclusão social significa, então, o não encontrar 'nenhum lugar social', o não pertencimento a 'nenhum lugar social', o não pertencimento a nenhum topo social, uma existência limitada à sobrevivência singular diária.*

Assim, no imaginário que prevalece em nossa sociedade capitalista excludente, essas crianças não são consideradas seres humanos porque não se situam em uma dada classe social, porque estão privadas de qualquer bem material, porque são miseráveis, são nulas diante da economia do país. Como alternativas de resistência e sobrevivência a essa condição de não serem considerados humanos, essas crianças e adolescentes vão inventando, para eles mesmos e em seus grupos, formas de se tornarem humanos, como se pudessem simular, experimentar e viver, por alguns momentos, diferentes formas de afetos.

É como se buscassem, entre elas, uma sobrevida de proteção momentânea, efêmera, acalentados por sentimentos de pertencimento e cuidado como aqueles que estávamos rememorando, a partir de nossas infâncias, em nossas conversas nos corredores do hotel regadas por chás de erva cidreira. Ou seja, metaforicamente, para essas crianças e jovens, estar e viver em grupos nas ruas seria uma saída, uma forma de sobrevivência em meio às suas vidas de frio existencial.

## Considerações finais

Diante desse cenário de lutas e tentativas de se inventarem humanos essas crianças e jovens nos apontam o vazio educacional de suas vidas, com o qual denunciam uma escola sem sentido, imersa em um espasmo pedagógico, onde verdade e fantasia misturam-se de modo a reforçar, ainda mais, processos de exclusão. Ou seja, para a grande maioria dessas crianças e jovens, as escolas se constituem em outras formas de abandono e exclusão, necessitando serem repensadas, inclusive, a partir do que entendem por ser humano.

Naquele momento, busquei, desesperadamente, um sentido de potência de vida para minha pesquisa.<sup>4</sup> ,uma potência que pudesse provocar bons encontros e experiências.

## Referências

ALVES, Nilda. **Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu “uso” em processos curriculares de formação de professoras na educação superior**: o caso do curso de Pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. Projeto incorporado ao PROCÊNCIA. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1995.

<sup>4</sup> Em uma conversa com Foucault sobre “Os intelectuais e o poder” Deleuze (2006, p. 266), disse que “para nós, o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e quem age? É sempre uma multiplicidade, mesmo na pessoa que fala ou que age. Nós somos todos grupúsculos. Não há mais representação, há tão-somente ação, ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede. [...] Ora, o que os intelectuais foram impelidos a descobrir recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; eles sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KASTRUP, Virgínia. **O método cartográfico**. Palestra proferida no PPGE/CE/UFES em setembro de 2007. Mimeo.

KOHAN, Walter. A infância, entre o humano e o inumano. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). Diálogos cotidianos. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**: Porto Alegre. v. 28, n.2., jul./dez. 2003.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PAIVA, Jacyara Silva de. **(Sobre) vivências**: um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua. Dissertação de Mestrado. PPGE/CE/UFES, Vitória, 2006. Orientador: Hiran Pinel.

PINEL, Hiran. **Educadores de rua**: michês (rapazes que se prostituem). Educação (especial) de rua e a prevenção contra as DST/AIDS; uma compreensão frankliana do ofício no sentido da vida. São Paulo: IP-USP, 2005.

*Prof. Dr. Marco Antônio Oliva Gomes*

Professor da Universidade Vila Velha – UVV

Grupo de Pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes  
de Conhecimentos

E-mail: paramarcoantonio@uol.com.br

Recebido em: 30 ago. 2014.

Aprovado em: 30 nov. 2014.